



Verónica tem 20 anos que frequenta o 3.º ano de Relações Internacionais na FEUC

“Não deixo de ser mulher cigana por estar a estudar”

●●● Verónica sempre soube que podia alcançar muito mais sem ter que comprometer a sua identidade. Por isso, nunca desistiu.

“Não deixo de ser mulher cigana por estar a estudar”, diz a jovem de 20 anos que frequenta o 3.º ano de Relações Internacionais na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Teve a sorte de ter uma família que sempre a incentivou a prosseguir os estudos. O pai, aliás, queria ter estudado, mas perdeu a mãe quando era muito novo.

“Ele tinha muitos irmãos e aos 13 anos começou a trabalhar para ajudar a família. Passou a vida a vender nas feiras e,

embora muitos pensem o contrário, ser feirante não é uma vida fácil”, conta a jovem. Foi para dar uma vida melhor às filhas que, há mais de 25 anos, o pai decidiu sair do bairro social onde vivia para morar em frente da escola primária onde as quatro meninas iniciaram os estudos.

Verónica tem três irmãs: a mais velha casou e tem uma filha, a mais nova frequenta o 5.º ano do ensino básico. A outra irmã – que é um exemplo para Verónica – é licenciada em Direito pela Universidade Portucalense Infante D. Henrique e foi uma das primeiras mulheres ciganas a inscrever-se na Ordem dos Advogados.

“Sempre olhei para a minha irmã como um modelo. E agora revejo-me nesse papel de mulher-cigana, como forma de incentivar outras raparigas e mostrar-lhes que é possível”, diz, referindo-se à discriminação, ao preconceito e ao racismo. A que se junta, tantas vezes, dentro e fora da comunidade, a sua condição de mulher.

“Tentam cortar-nos as asas, estigmatizar-nos, colocar-nos um peso aos ombros – eu vejo isso noutras meninas da comunidade – colocam-lhes um rótulo na infância, que se cola na pele para o resto da vida.”

Por essa razão, Verónica insiste na importância da

representatividade da etnia cigana, principalmente mulheres, em diferentes cargos da sociedade.

“Eu sinto que essa mudança está a acontecer porque conheço cada vez mais pessoas que estão no ensino superior. A instrução é o primeiro passo para que a discriminação comece a anular-se por si própria”.

De resto, no caminho que trilhar espera dar o exemplo que trouxe de casa e de que se orgulha. “Espero educar os meus filhos como os meus pais me educaram. Espero dar-lhes uma vida melhor. E vou deixar que sejam eles a decidir o caminho que querem seguir”.

| **Patrícia Cruz Almeida**

16 244 alunas na uc

●●● “Discreta, honesta e de acordo com o seu sexo”, esta era uma das exigências feitas às primeiras mulheres que ousaram entrar na universidade. Domitilla Carvalho foi a primeira mulher a inscrever-se na UC depois de solicitar autorização às autoridades académicas, no curso de Matemática em 1891. De 1891 a 1896, Domitilla manteve-se como a única aluna da universidade. Hoje, a UC tem mais de 28 mil alunos e bem mais de metade deles (exatamente 16 244) são do sexo feminino.

taxas de abandono

●●● De acordo com o Perfil Escolar das Comunidades Ciganas 2018/19, elaborado pelo Observatório das Comunidades Ciganas, o número de crianças no pré-escolar e de alunos das comunidades ciganas era de 25.140. Contudo, o estudo revelou que as raparigas eram aquelas que apresentavam taxas de abandono mais elevadas: enquanto apenas 4,8% dos rapazes abandonou precocemente o ensino escolar, este número subia para 7,1% no caso das raparigas.

Hoje, Dia Internacional da Mulher, conta-se a história de Verónica Lourenço que é, sobretudo, uma história de resistência contra a discriminação



Verónica é uma história de resistência contra a discriminação

Hoje, Dia Internacional da Mulher, contamos a história de Verónica, mulher cigana que quis estudar, frequenta a universidade, e pretende incentivar outras raparigas a seguir este percurso >Pág 6